

dade. *Aleo* para aplacar a deusa, mandou lançar ao mar o menino. *Naupilo* encarregado da execução, entregou a criança a *Teutras*, rei da *Mísia*, que o perfilhou.

Vim até este ponto simplesmente para salientar o nome *Cila* que deve ser equivalente de *Κίλλα*, cidade da *Troada*, província da *Mísia*, na Ásia Menor.

Presumo, por isto, que os Cilénios, referidos por Plínio, tenham esta origem.

Por aqui me fico para não aborrecer mais. Com a perda de tempo que sendo um bem que depois de perdido não mais nos vem à mão.

Arq.º ROGÉRIO DE AZEVEDO

Prof. jubilado da Escola Superior de Belas-Artes do Porto,
sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
e do seu Conselho Directivo

Um perdido berrão trasmontano assinalado por um grande arqueólogo

Trás-os-Montes deve ser a região da Península Ibérica onde, até à data tem sido encontrado o maior número de berrões proto-históricos, ou seja estátuas zoomórficas de granito representando especialmente porcos e javalis, mas também touros, um bode e um urso.

Em 1975 no trabalho *A cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. 24, Porto, 1975, págs. 353-515 registei a existência de 53 berrões no nosso país, dos quais 49 achados em Trás-os-Montes e na Beira trasmontana.

Nos últimos 6 anos tenho dado conta do aparecimento de sucessivos aparecimentos de berrões proto-históricos, quase todos mais ou menos mutilados. Alguns podem considerar-se verdadeiros destroços.

O seu número no nosso país é hoje 62 dos quais 58 no Nordeste. Tudo leva a crer que mais continuarão a aparecer, à medida que os nossos muitos castros forem explorados, ou, apenas, singelamente visitados por arqueólogos, que vêem o que ao vulgo muitas vezes passa despercebido.

Vamos ver que assim sucedeu quando, há muitos anos o ilustre arqueólogo Prof. Leite de Vasconcelos visitou a Vila Velha de Santa Cruz da Vilaria ou Derruída, que considerou como um castro, isto é, considerou aquela vila medieval assente sobre um velho castro.

Deve ter sucedido o mesmo com a vila de Moncorvo, que é de supor tenha sido também implantada sobre um castro. Aliás as condições topográficas do cabeço, onde houve o castelo e se estende o bairro moncorvense da misericórdia, reproduzem perfeitamente o típico delineamento de um castro que teria o seu fosso no sítio onde hoje é a praça da vila.

Na Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 32, no artigo Torre de Moncorvo na pág. 217 alude-se à Vila Velha da Santa Cruz da Vilaria ou Derruída ⁽¹⁾. Na mesma página se informa que o Dr. Leite de Vasconcelos foi à Vila Velha e que ela se referiu nos seguintes termos que transcrevo.

⁽¹⁾ A Vila Velha da Santa Cruz da Vilaria ou Derruída fica no alto do cabeço ou outeiro da Quinta da Portela, sobranceiro ao rio Sabor que lhe corre pelo nascente, e na margem direita da Ribeira da Vilaria, que a uns 400 ou 500 metros lhe corre pelo poente. Diz a lenda que o abandono da Derruída pelos seus habitantes foi consequente a um ataque de milhões de formigas. É de crer que a esta razão, se de facto existiu, outras razões tenha havido.

Uma delas que se nos afigura concorrente para o abandono da Derruída pelos seus residentes deve ter sido o paludismo que na Vilaria foi endemismo a grassar com grande intensidade.

Aliás isso se depreende por carta de 1648, dirigida pelo concelho da Torre de Moncorvo ao rei D. Afonso V, pedindo a concessão de certos terrenos da coroa, entre os quais o da Vila Velha de Santa Cruz ou Derruída, vila que, abandonada há menos de dois séculos, se mostrava num estado ruinoso, e na carta se escreveu: «em um outeiro alto que está

«Este outeiro é em meu entender, um castro, visitado por mim há muitos anos (escrevia em 1936) e onde encontramos um tosco e deteriorado quadrupezinho de granito.»

Seria certamente um berrãozinho, provavelmente porquinho, ou talvez um tourinho.

É estranho que Leite de Vasconcelos por vezes tão minucioso nas descrições dos seus achados, não especificasse o animal esculpido. É de admitir que estaria tão deteriorado que não seria fácil especificar o animal esculpido.

Isto mesmo leva a crer que Leite de Vasconcelos não tivesse carregado com o quadrupedezinho e levá-lo para o seu museu para o qual levou e fez levar muitos milhares de peças arqueológicas e etnográficas.

a cerca dela (ribeira da Vilarça) fora povoraçom em outro tempo, e porque era doentio se mudaram ir viver na dita villa de Torre», (de Moncorvo). Ver mesma pág. 217 do vol. 32 da Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

O que se sabe é que os habitantes da Vila Velha da Santa Cruz da Vilarça ou Derruída se tranferiram para a base da encosta norte da Serra do Roboredo, onde hoje assenta a Vila do Moncorvo.

Mais diz a lenda que um tal Mem Corvo ali ergueu uma torre da qual proveio o nome de Torre de Moncorvo, dado ao agregado populacional formado pelos foragidos ao ataque de multidões de formigas na Derruída.

A Vila Velha da Santa Cruz ou Derruída conserva a maior parte das suas muralhas em razoável estado de conservação, porções de altas paredes, porção de uma torre quadrada com 5 ou 6 metros de altura e amontoados de pedras que devem corresponder a casas arruinadas.

O estudo, conservação e defesa da muralha e restos de construções que se vêem na Derruída, em nosso parecer, tem interesse histórico e regionalista.

Já sugeri à Câmara Municipal de Moncorvo, que conviria ela promovesse a programação de tal estudo. É de crer que se a Câmara se dirigir ao Instituto Português do Património Cultural dele conseguirá não só o plano director para os trabalhos a fazer mas também as ajudas para levar por diante a tarefa de conservação e valorização daquela muralhada povoação medieval, que antecedeu a actual vila de Moncorvo.

Estudantes poderiam participar nos trabalhos, que, sem dúvida, têm interesse histórico e regionalista e, ao mesmo tempo, teriam meritória acção ou finalidade educativa.